

ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DOS SIGNIFICANTES “NEGUINHO (A)”, E “NEGO (A)” NO SÉCULO XIX E NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Gabriel Nascimento dos Santos (UESC)

gabrielnasciment.eagle@hotmail.com

Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro (UESC)

1. Introdução

Com a base nos conhecimentos e estudos a respeito de significante e significado a ciência da linguagem, assim como muitas outras ciências puderam ter avanços em sua cadeia de pensamento. Segundo o estruturalismo concebido a partir das teorias de Saussure (1969) é concebido significante toda unidade que forma o significado. A concepção saussuriana de que a fala é apenas um ato individual foi derrubada por Bakhtin (1997) no tocante à importância do meio para a formação dos dialetos e idioletos. Partindo dessa lógica, com o advento da ciência da linguagem, que já passou por outras várias evoluções científicas em sua cadeia de pensamento ao longo do século XX, o estudo da palavra e dos diversos tipos de texto ganhou uma fundamentação de grande importância. A palavra é um produto social e de valor histórico importante. Com as considerações sobre significante/significado pôde-se formular uma série de teorias a respeito dos discursos e suas vertentes, assim como o estudo do próprio signo. Um passo importante proveniente do pensamento saussuriano a que se pode destacar foi também o estudo de diacronia e sincronia. A partir de Saussure pode-se concluir que Diacronia é o estudo de uma palavra numa linha histórica e Sincronia é o estudo de uma palavra em um determinado tempo dessa linha do tempo.

Este trabalho busca trabalhar, ademais, com duas sincronias, observando as relações semânticas e pragmáticas dos significantes “Neguinho (a)” e “Nega (o)”, entre outros no tempo da escravidão no Brasil e no mundo contemporâneo. Será feita aqui uma análise do significado e da relação entre o discurso emitido por esses significantes e os seres de cada uma das épocas estudadas baseado a partir do campo da Sociolinguística Teórica. Como referencial teórico este trabalho apoia-se em Saussure (1969) para abordar conceitos da teo-

ria estruturalista inicial, Bakhtin (1997) em relação à Língua e meio, Hall (2003) a respeito de ideologia na cultura e Vogt (1943) a fim de explorar a relação entre pragmática e ideologia, entre outros.

2. *O contexto histórico dos dois significantes*

Ao iniciar a análise pretende-se observar o contexto histórico de cada uma das épocas em que o significante é aplicado.

Ainda que se possa trabalhar com toda a evolução (diacronia) semântica e pragmática dos significantes já expostos pretende-se, como ficou claro na introdução, trabalhar com dois momentos históricos (sincronia). Portanto, pretende-se estreitar relações com duas sincronias do uso dessa palavra. Inicialmente os significantes “nequinho” e “nega” serão analisados no século XIX.

Com forte introdução de negros no Brasil o país era considerado um dos maiores importadores de escravos daquela época. As cargas humanas chegavam de Angola, Moçambique e muitos outros países da África. Foi tratando o negro como um animal de carga que o brasileiro começou a usar do preconceito linguístico para humilhar aquele ser humano.

As relações de produção e estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e todos os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos de comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. (BAKHTIN, 1997, p. 42)

Quando os escravos eram castigados os significantes “nego” ou “nega” eram usados. Nesse registro de linguagem cada um dos significantes era usado como forma de desonrar o escravo. Note que o ser negro tão traz uma semanticalização “neutra”¹ se analisado separadamente. Entretanto, dentro do contexto de linguagem, no registro analisado da escravidão “ser negro” era não ser humano e ser um animal fétido, utilizado para trabalhar sem remuneração e estar sujeito a castigos. O social nesse caso forma a semântica de cada palavra usada no contexto. A respeito da importância contextual palavra Bakhtin afirma: “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu

¹ Presente em Bakhtin (1997), ideia que será trabalhada mais à frente.

contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis”. (BAKHTIN, 1997, p. 106)

Nessa concepção corrobora-se a teoria bakhtiniana de que a linguagem é formada a partir da relação entre o sujeito e o meio. A ideologia do contexto, no registro de linguagem usada durante a escravidão, definia que “ser negro” era ser semanticamente inferior. A variável “negro” era usada nos registros mais formais. Logo, como um recurso pragmático, os feitores e capitães do mato na hora de tratar os escravos os chamavam de “negos”. Por que recurso pragmático? Em suma, falar sobre variação linguística sem atentar à importância da pragmática como mantenedora desse estudo é uma armadilha. Para Vogt (1943) a pragmática deve ser entendida como a análise da atividade “interindividual” do discurso.

Como todo falante em estilo corrente de linguagem os feitores não queriam utilizar variantes que pudessem ser avaliadas como demasiadamente arcaicas ou intelectuais. Essa relação entre uso e contexto nunca deixou de ser presente entre os falantes da língua.

Por outro lado, o outro contexto analisado neste trabalho é o do mundo contemporâneo. Contudo, apontar um contexto dentre as relações sociais do mundo atual é outra armadilha. Sim, porque há vários contextos de linguagens nessas duas épocas. Com a evolução humana (a depender do próprio valor semântico que a palavra *evolução* pode levar) as palavras também evoluem. Evoluem porque o homem passa a pronunciar-las de forma diferente, a usá-las num novo contexto de linguagem e estabelecer para elas novos significados. Aí está a evolução pragmática e semântica aludida neste trabalho. Outras relações sociais levam ao estabelecimento de novos significados.

3. O significado como uma das identidades da palavra

É possível afirmar, portanto, que a identidade de toda palavra é o significante X significado dentro do contexto? A identidade da palavra será a matéria desta seção. No entanto, numa avaliação separada não são alcançados todos os significados que a palavra pode ter. Isso porque são muitas as relações sociais em que ela é aplicada.

Os signos podem aparecer em um terreno *interindividual*. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de "natural" no

sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (BAKHTIN, 1997, p. 35)

A partir do citado, o meio dita a relação pragmática dos significantes. Nessa linha de pensamento “nego” que no século XIX era usado para inferiorizar outro ser humano, hoje, por causa do meio (não há mais escravidão oficial, lavrada por constituição) toma vários significados.

A identidade da palavra (significante X significado) é ditada pelo meio. Portanto uma palavra assume diversas identidades, uma vez que partindo de Bakhtin ela é neutra. Nesse ponto de vista só é analisada a relação Significante + contexto = significado. Essa relação pode ser definida como o percurso da pragmaticalização e semanticalização da palavra. Isso porque o significante “nega”, por exemplo, não padrão e de menos prestígio mais o contexto que é aplicado (final do século XIX, forte racismo com escravos recém-libertos ou século XXI num registro íntimo entre uma senhora e sua filha) leva ao seu significado. Dependendo de uma análise dentro do contexto, uma mãe que chame sua filha por “nega”, pode estar utilizando o significante como vocativo, e para expressar carinho. Ao contrário do que acontecia com um escravo no tronco sendo chicoteado.

O que acontece também é o uso de acordo com a estilística. Uma vez que de acordo com o registro (formal, íntimo) esse significante não será aceito e pode levar a uma conotação negativa. Pensemos num exemplo de uma mulher que trata a recepcionista de um fórum de “nega”. Exceto se as duas se conhecerem intimamente (o que será uma relação de intimidade e que muda nossa pressuposição) o significante terá outra interpretação. Isso ocasionará a uma maior rigidez do interlocutor (a recepcionista do fórum) que não aceitará ser tratada de “nega”. Nessa observação chegamos ao pressuposto de Bakhtin (1997) quando ele diz que “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Para tanto, perceba que o uso está ligado ao contexto, pois a palavra guarda uma ideologia.

A identidade da palavra pode ser dada de acordo com o contexto, mas não se pode desprezar a história dela porque como diz Bakhtin (1997) ela é um fenômeno ideológico e logo, traz uma carga ideológica, uma historiografia. A respeito disso é dito que “[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 95) O significante dentro do contexto apresenta-se como uma de suas identidades, um dos significados do mesmo.

Portanto pode-se atribuir à definição de identidade da palavra como o momento que ela deixa de ser significante, tomando, pois significado.

4. “Nego” é uma expressão racista? A palavra como fenômeno ideológico

Uma pessoa que use “nego” dentro de um estilo de linguagem íntima, como recurso pragmático de carinho deve ser considerada racista? A palavra viaja no tempo e guarda uma história. Segundo Bakhtin (1997) a palavra é um fenômeno ideológico. Mas o que é ser fenômeno ideológico?

Voltando-se para o final do parágrafo anterior é necessário analisar o que quer dizer ideologia primeiro. Segundo Hall (2003) uma estrutura é o resultado do que já foi estruturado anteriormente. Nessa vertente percebe-se que uma ideologia é o resultado de estruturas sociais fixadas, e que todo estruturalismo é historiográfico, por sua vez.

E sobre ideologia é dito:

[...] O que é ideologia, senão praticamente a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação de uma cadeia de equivalências? [...] (HALL, 2003, p. 154)

E qual seria a função da ideologia? Ainda para Hall (2003) a ideologia teria a função de reproduzir as relações sociais de produção. Essas relações de produção foram reproduzidas nas relações da palavra “nego”, “nega”, “neguinho” ou “neguinha”. O racismo viajou no tempo em uma palavra que agora habita novos contextos e registros de informação. Mas qual será a resposta para a pergunta no

início desta seção? Haverá racismo num registro íntimo quando uma pessoa usa um desses significantes? Sob a ótica do que foi dito na sessão passada, se a identidade da palavra é a mesma numa análise sincrônica, portanto, pode-se compreender nos contextos íntimos de carinho a não intenção racista do interlocutor.

A linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia, a modalidade de seu funcionamento. Esses rituais e práticas sempre ocorrem em locais sociais, associados a aparelhos sociais. É por isso que devemos analisar ou desconstruir a linguagem e o comportamento para decifrar os padrões de pensamento ideológicos ali inscritos. (HALL, 2003, p. 164)

Hall (2003), nessa visão repete o dito por Bakhtin (1997) a respeito de que a linguagem não pode ser individual. A ideia de que a linguagem é um fenômeno individual é vinculada ao estruturalismo proposto por Saussure (1969). Bakhtin (1997), no entanto, revela argumentos baseados nas teorias psicanalíticas de Freud e no materialismo histórico de Marx afirmando, ademais, que a linguagem não é só determinada pelo meio assim como explica a ligação do ser com o meio. Para Foucault (*apud* Hall, 2003) as identidades são construídas nas relações de poder. Isso se pode aplicar às identidades da palavra a que a seção anterior busca compreender quando nela são estabelecidos conceitos para a identidade da palavra.

Entretanto, o que esta seção tenta alcançar é o paradoxo que a ideia bakhtiniana, mesmo que bem fundamentada, causa em relação aos significantes aqui estudados. Se a palavra é um símbolo ideológico, aquele que chama alguém de “nego”, ainda que num registro íntimo, não estará repetindo uma ideologia, ainda que inconsciente? Esse sujeito está sendo racista? Ainda analisando segundo a lógica bakhtiniana pode-se analisar que a palavra é um signo neutro, guarda uma ideologia, mas que, portanto, não a assume quando utilizada em um contexto específico. Portanto, não há intenção racista (partindo do contexto íntimo, carinhoso) do enunciador.

Segundo o dito por Bakhtin (1997) a palavra não só guarda a ideologia como deve ser entendida como principal objeto de análise das ideologias. À frente afirma-se acerca da palavra:

[...] é também um signo *neutro*. [...] O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica.

Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 1997, p. 37)

Perceba que nesse caso Bakhtin afirma o pregado neste trabalho. Em cada contexto, ainda que seja um signo social historiologicamente ideológico, a palavra assume uma identidade diferente. Cada contexto desses leva a um significado, e logo, a uma das identidades da palavra. Para tanto, ela é *neutra* porque toma significados nos contextos, mas é *ideológica* por que guarda uma mensagem histórica.

5. Os usos de “nega”, “nego”, “neguinha” e “neguinho” no mundo contemporâneo

Esta seção busca compreender os usos de “nego”, “neguinha” e “neguinho” do ponto de vista de aplicação nos séculos XIX e XXI. A primeira seção deste trabalho, ligada a uma condição histórica, já trata de um uso geral dos significantes nesta pesquisa trabalhados no século XIX. Esta seção se delimita a trabalhar com a pragmaticalização e semanticalização desses significantes no mundo atual.

Eles são, de início, variantes menos prestigiadas segundo a lógica estabelecida por Tarallo (1997). Isso porque o uso dessas variantes em um contexto formal ocasionaria avaliação negativa do seu enunciador. No entanto, acerca do que é estabelecido nos estudos estruturais da língua essas variantes, ainda que desprestigiadas não infringem em nada a lógica da língua. De início há nelas a perda do fonema “r”. Essa perda se dá por que supostamente o falante ache que o uso da palavra com o fonema gera uma conotação formal, menos agressiva. Atualmente a palavras aqui estudadas recebem muitos usos.

Esses significantes ainda são usados como registros de racismo. Abaixo estão algumas frases ouvidas atualmente com tal conotação:

“Aquilo ali é uma neguinha!”

“Sua nega feia!”

“Ô nego dos infernos, tira essas tralhas daqui”.

“Quem roubou a casa foi um neguinho”.

Perceba que o falante nunca usa só os significantes para produzir seu efeito agressivo de racismo. Muitas vezes ele se apoia em um adjetivo que vem depois (“*Nega feia*”), ou na própria construção da frase (“*quem roubou a casa foi um **neguinho***”). Perceba que a sustentabilidade do significado não é dada somente pelo significante. Por isso este trabalho embasa-se em Bakhtin (1997) para induzir que a toda palavra é *neutra*, já que ela só recebe significado no contexto. A sintaxe da frase e o registro de linguagem reforçam o significado e são fundamentais em nossa avaliação. Perceba agora os usos desses significantes em registros íntimos, como formas de carinho:

“Ô nega, faz isso pra mim!”

“Ô, meu nego! Obrigado!”

“Obrigado, neguinha! Obrigado mesmo!”

“Meu neguinho tá sozinho em casa!”

Perceba que pelo o que foi avaliado da semanticalização anterior desses significantes nesta nova observação as palavras também necessitam da estrutura sintática e do registro de linguagem para tomar um significado de “querida”, ou qualquer outro significado de carinho. Sem a estrutura sintática para reforçar o sentido só o contexto vai poder dizer se foram expressões de carinho ou racismo.

“Neguinho!”

“Nega!”

“Ô nego!”

Fora do contexto como grafadas aqui neste texto, essas palavras não produzem qualquer conotação, por não terem uma estrutura sintática reforçando o sentido.

Observa-se que a pessoa que fala “nego” não trata a palavra como um item do dicionário, mas como um significante que alcançará significado. Quando Bakhtin (1997) fala que o locutor da fala não usa a língua como um sistema de formas normativas é proposto que talvez a linguagem enunciada é falada como recurso de comunicação e não como um sistema metódico em que o falante, de forma apreciativa, escolhe essa ou outra regra a seguir. A regra é seguida como repetição de um modelo vigente na comunidade. Para o mesmo teórico apreciações artísticas sobre a língua foram muito usadas pelos

gramáticos para impedirem a morte ou ressuscitarem algumas línguas mortas. À frente ele ainda afirma:

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item do dicionário. [...] (BAKHTIN, 1997, p. 95)

Ao analisar o fenômeno da linguagem Vogt (1943) situa a linguagem como o espaço onde o homem estrutura sua cultura.

6. Conclusão

A partir do analisado neste trabalho pode-se concluir que a palavra é um *fenômeno ideológico* que toma vários significados de acordo com o momento histórico em que é aplicada, e com os contextos e registros de linguagem. Entretanto, pôde-se observar a importância da análise da lógica sincrônica da palavra.

Este trabalho analisou traços de pragmaticalização e semanticalização dos significantes “neguinho (a)” e “nego (a)” no século XIX e no século XXI, embasando-se em conceitos sociolinguísticos de Bakhtin (1997), ideológicos de Hall (2003) e estruturalistas de Saussure (1969).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine la Guardia Rezende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- SASSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1943.